

Granja do Ulmeiro, 19 de Dezembro de 2005

Assunto: Declaração de Parceria com a AJPaz

A/c Sónia Meire

A "AJPaz – Acção para a Justiça e Paz" está neste momento a preparar candidaturas para assegurar o financiamento necessário para o desenvolvimento das actividades no âmbito das várias áreas temáticas em que temos vindo a colaborar com o V. Grupo, membro da Rede Transcontinental Poro'rokas da Paz e da Democracia, nomeadamente em actividades internacionais de construção da paz e da democracia: fóruns sociais, oficinas de formação, entre outras.


Assim, para viabilizar e fortalecer os projectos desenvolvidos pela AJPaz, vimos solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> a confirmação da colaboração entre o V. Grupo e a AJPaz nos Projectos referidos. Para tal, será apenas necessário assinar e carimbar a Declaração de Parceria anexa. A Declaração deverá ser remetida à AJPaz o mais breve possível, através do seguinte endereço: AJP – Rua S. João – 3130-080 Granja do Ulmeiro.

Esta declaração em nada altera os termos da parceria, já definidos pelas partes, nomeadamente, não implica encargos financeiros, nem quaisquer responsabilidades perante a entidade financiadora; nem impede colaborações adicionais. Esta declaração de parceria apenas quer dizer que partilhamos este projecto e que a V. organização irá continuar a colaborar com estes projectos como tem acontecido até agora.

Caso tenha alguma dúvida, não hesite em contactar-nos.

Os nossos melhores cumprimentos,

Pela Direcção,

  
Rua S. João  
3130-080 Granja do Ulmeiro - Portugal  
www.ajpaz.org.pt (T) +351-239-642815  
ajp@ajpaz.org.pt (F) +351-239-642815

Celina M. dos Santos

Acção para a Justiça e Paz



ajp@ajpaz.org.pt  
(T) +351 239 642815  
(F) +351 239 642816

AJP, Rua de S. João - 3130-080 Granja do Ulmeiro - Portugal

---

## ACÇÃO PARA A JUSTIÇA E PAZ

---

A AJPaz é uma associação que tem por objectivo construir uma cultura de Paz, baseada no Respeito pelos Direitos de todas as Pessoas, na Democracia Paritária, Inclusiva e Participativa, na Justiça Cognitiva e Social e num Ambiente Saudável capaz de dar e preservar a Vida.

### Finalidades Estratégicas 2007—2016

A AJPaz tem como finalidade contribuir para uma Cultura de Paz através da melhoria concreta das condições de vida das pessoas, nomeadamente no território onde está implantada, dando especial atenção às mulheres de todas as gerações, através da:

Criação de uma rede territorial de produção, distribuição e comercialização solidária de produtos e serviços geradora de rendimentos;

Promoção do desenvolvimento comunitário sustentado e da gestão participada do território tendo como condições a capacitação e a participação da população local;

Consolidação de uma cultura de intervenção cosmopolita solidária que articula as realidades e as alternativas locais e globais.

ajpaz

Acção para a Justiça e Paz

Rua S. João

3130-080 Granja do Ulmeiro

(T) +351-239-642815

(F) +351-239-642816

(TMV) +351 96 2477031

Projecto: [desenvolvimento@ajpaz.org.pt](mailto:desenvolvimento@ajpaz.org.pt)

Geral: [ajp@ajpaz.org.pt](mailto:ajp@ajpaz.org.pt)

[www.ajpaz.org.pt](http://www.ajpaz.org.pt)



"Elas no Norte e no Sul"  
Mulheres no Desenvolvimento"

Projecto de Educação para o Desenvolvimento

Março de 2008 a  
Janeiro 2009

- } EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO
- } SOBERANIA ALIMENTAR E ECONOMIAS SOLIDÁRIAS
- } CULTURA DE PAZ

Co-financiado por:



# Elas no Norte e no Sul: As Mulheres no Desenvolvimento

O projecto *Elas no Norte e no Sul: As Mulheres no Desenvolvimento* é um projecto de Educação para o Desenvolvimento que se propõe contribuir para a afirmação do papel da Mulher nas dinâmicas de Desenvolvimento Local e Cooperação para o Desenvolvimento.

Com recurso a metodologias e de acordo com os princípios de Educação Não-Formal, este projecto pressupõe um percurso pedagógico centrado nas Mulheres envolvidas, nas suas necessidades e realidades. Tudo isto de forma participada, interactiva e cooperativa.

O trabalho em rede é dos elementos enriquecedores de todo este processo com recurso à experiência em práticas de Desenvolvimento de Mulheres de Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Portugal e Moçambique como forma de aprendizagem.

## OBJECTIVOS:

1. Sensibilizar a sociedade para o papel e contributo das mulheres no desenvolvimento global;
2. Promover a integração do *mainstreaming* de género na cooperação portuguesa,
3. Apoiar a cooperação descentralizada e directa entre comunidades locais do Norte e do Sul.

## PARCERIAS

### NORTE

Associação Cultural, recreativa e Social de Coles de Samuel -*Soure*

Associação de Desenvolvimento Rural de Lafões -*Vouzela*

Engenho e Obra-Associação para o Desenvolvimento e Cooperação -*Porto*

### SUL

Aifa-PALOP -*Guiné-Bissau*

Associação Kulita -*Angola*

Associação de mulheres empresárias de Luanda -*Angola*

Initiative for Promotion of National Talents of Mozambique -*Moçambique*

Universidade Federal do Sergipe -*Brasil*

Serviço de Orientação da Família -*Brasil*

## ACTIVIDADES:

### 1. Mulheres e Desenvolvimento

Oficinas de sensibilização e capacitação dirigidas a mulheres rurais, agricultoras, empresárias e artesãs do Concelho de Soure, com a participação especial de mulheres de Vouzela e Porto.

### 2. Elas, no Norte e no Sul

Publicações temáticas sob a forma de Cadernos e Folhetos Pedagógicos para informar e sensibilizar sobre temas como Educação para o Desenvolvimento, Soberania Alimentar, Economias Solidárias e Cultura de Paz, dirigidas e instituições de cooperação, escolas e ao público em geral.

### 3. Rede de Trocas

Rede intercâmbio de conhecimentos e informação entre mulheres dos diferentes comunidades e países envolvidos no projecto.

### 4. Elas, Projecto Puxa Projecto

Encontro internacional entre agentes de desenvolvimento global - mulheres e técnicas/os - de intercâmbio de práticas e reflexões sobre os temas do projecto e conhecimento pessoal.

## TRABALHO EM REDE

O trabalho em rede é, para nós, não apenas uma estratégia, mas também um valor político e humano. O trabalho em rede tem de ser capaz de atravessar todos os movimentos, todos os territórios e todos os temas.

As nossas preocupações são apenas algumas das muitas que animam as lutas de pessoas e grupos.

Por tudo isto, também as nossas acções têm de ser partilhadas e solidárias, porque todas elas fazem parte da construção de um Outro Mundo que é possível.

## ALGUNS PROJECTOS E ACTIVIDADES...

### NO CENTRO INTERNACIONAL:

*Aprender Portas Fora – actividades pedagógicas para crianças e jovens, Convívios Comunitários, Roteiros Pedagógicos, Biblioteca*

**OFICINAS E MANUAIS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL:** *Direitos Humanos, Interculturalidade, Igualdade de Oportunidades, Consumo Responsável*

**OFICINAS:** *Teatro do Oprimido, Educação pela Arte, Inclusão Digital, Línguas e Culturas*

**REDES:** *Marcha Mundial de Mulheres, Fórum Social Português, Europeu e Mundial, Manifesta, Poro'rokas da Democracia e da Paz*

**ACTIVIDADES INTERNACIONAIS:** *Seminários, Intercâmbios, Campos de Trabalho Internacionais, Voluntariado Internacional*

### IGUALDADE ENTRE MULHERES E

**HOMENS:** *As Vozes das Mulheres de Timor Leste (Livro), Sem Preconceitos (Seminário) Art.º ♀ (Revista), Na Escola, Um Caminho para a Igualdade*

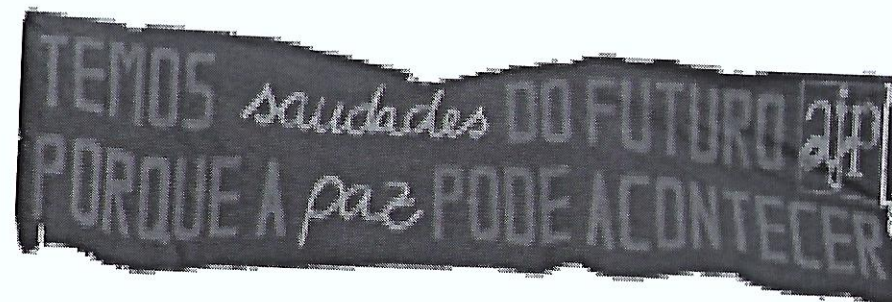


Tudo isto e muito mais está na página de Internet da AJPaz!

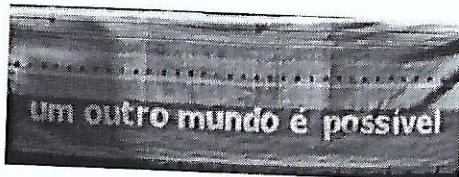


## PREÂMBULO

A Acção para a Justiça e Paz – AJPaz – é uma associação que tem por objectivo construir uma Cultura de Paz, baseada no Respeito pelos Direitos de todas as Pessoas, na Democracia Paritária, Inclusiva e Participativa, na Justiça Cognitiva e Social e num Ambiente Saudável capaz de dar e preservar a Vida.



Acção para a Justiça e Paz  
www.ajpaz.org.pt - [ajp@ajpaz.org.pt](mailto:ajp@ajpaz.org.pt)  
Rua S. João - 3130-080 Granja do Ulmeiro  
(T) 239-642815 (F) 239-642816 (TMV) 96-2477031



Vivemos sob um sistema que oprime, explora, domina e exclui uma imensa maioria de Mulheres e Homens das decisões sobre o seu presente e futuro. Desta imensa massa humana excluída, queremos dar uma atenção privilegiada às Mulheres, às Jovens Mulheres e às Comunidades Locais, estejam elas onde estiverem.

Propomo-nos, portanto, construir, praticar, apoiar, valorizar e visibilizar as alternativas que, aqui e em todos os lugares, constroem um mundo onde a dignidade, a diversidade, os direitos e as liberdades de todas e de todos são consideradas a maior riqueza e a melhor garantia de futuro.



### FINALIDADES

- Reforçar as acções de luta contra a pobreza e contra a violência
- Desenvolver laços solidários entre o local e o global
- Promover o diálogo entre feminismo, paz e desmilitarização

### ÁREAS DE TRABALHO

- Produção e difusão de conhecimentos
- Formação e Educação não-formal
- Acção Local
- Cooperação Internacional Solidária
- Intervenção Pública, Local e Global



### OBJECTIVOS

- Construir uma Cultura da Paz
- Pensar alternativas económicas e solidárias
- Contribuir para garantir uma subsistência digna de todas as pessoas
- Re-inventar os papéis e as relações sociais para que a paridade/igualdade co-exista com o direito à diferença
- Desconstruir as lógicas de naturalização e de legitimação da violência
- Re-tecer a densidade e a intensidade da democracia, quer nas suas formas, quer nos seus conteúdos

### METODOLOGIA

Princípios e valores que orientam a forma e os conteúdos das nossas reflexões e acções:

- A paridade
- A não-violência
- A não-vitimização
- A democracia
- A emancipação
- A autonomia
- A solidariedade

- O gosto pela diversidade
- A sustentabilidade social e ambiental
- A dignidade

A nossa abordagem metodológica quer colocar a estética e as emoções no centro da nossa acção política e social.



## “Elas no Norte e no Sul: as Mulheres no Desenvolvimento”

### Ficha de identificação das práticas locais de cada entidade parceira

No sentido de otimizar o trabalho que pode vir a ser desenvolvido entre todas as entidades parceiras deste projecto as entidades devem procurar conhecer-se um pouco melhor para então percebermos qual o contributo que cada um pode dar.

Para isso, propomos que cada instituição preencha os espaços em branco demonstrando o trabalho que foi feito até ao momento nas diferentes áreas apontadas: Educação para o Desenvolvimento, Soberania Alimentar, Economias Solidárias, Cultura de Paz e Género. E ainda de que forma se torna necessária a actuação nestas áreas nos vossos contextos de actuação.

Na *coluna seguinte* cada entidade pode apontar que projectos tem a decorrer actualmente em cada um destas áreas e qual a dinâmica desse projecto. Na terceira coluna interessa perceber se os projectos a decorrerem nas diferentes áreas têm sido desenvolvidos com mulheres e qual o seu perfil.

Enquadramento/Percurso da entidade até momento	Actividades/Projectos a serem desenvolvidos neste momento	Perfil das mulheres (público-alvo) envolvidas
<b>Educação para o Desenvolvimento</b>		
Desenvolvendo projetos de Graduação	Projeto de Licenciatura em Educação do Campo Conclusão da Graduação em Agronomia Projeto de Licenciatura em Pedagogia da Terra	Trabalhadoras Rurais organizadas pelos movimentos sociais: MST, negro e Sindicatos; Professoras da Rede Pública atuando nas escolas do campo;
<b>Soberania Alimentar</b>		
Projetos de extensão	Projeto de extensão em convênio com a Secretaria de Inclusão e Assistência Social do Estado de Sergipe (trabalho de acompanhamento da inserção das mulheres)	Trabalhadoras rurais organizadas por movimentos sociais (Cáritas Brasileira e MST).
<b>Economias Solidárias</b>		
<b>Cultura de Paz</b>		
<b>Género</b>		
1. Projeto de Pesquisa	1a. A inserção da mulher na educação superior com foco nas mulheres camponesas (um ano); A produção das mulheres camponesas (dois anos); 1b. Pesquisa sobre os impactos nas áreas de reforma agrária e de agricultura familiar a partir da formação de homens e mulheres (4 anos de pesquisa-estamos no segundo).	Trabalhadoras Rurais organizadas pelos movimentos sociais: MST, negro e Sindicatos; Professoras da Rede Pública atuando nas escolas do campo;
2. Em curso projeto de capacitação sobre Género e Diversidade	2. Oficinas e capacitações por meio da educação à distância dirigido à professoras da rede pública estadual e municipal. (projeto em fase de concorrência pública).	Professoras da Rede Pública



Assine

Empresas

Pessoas

Pesquisa

Novidades

C



AJP

- Caixa de Entrada
- Nova mensagem
- Pastas
- Pesquisar
- Filtros
- Senha
- Contatos
- Opções
- Sair

### Caixa de Entrada: Colaboração no projecto "Elas no Norte e no Sul" (1 de 33)

Marcar como:  Mover |  Copiar Esta mensagem para  Retornar para Ca  
 Excluir | Responder | Responder a Todos | Encaminhar | Ver Discussão | Remetentes Bloqueados | Código Fonte | Cont  
 Imprimir

**Data:** Thu, 27 Mar 2008 10:45:36 -0000 [27-03-2008 07:45:36 BRT]  
**De:** AJPaz Desenvolvimento <desenvolvimento@ajpaz.org.pt>  
**Para:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO SERGIPE <seano@infonet.com.br>, UNIVERSIDADE FEDERAL DO SERGIPE  
**Cc:** Sandra Silvestre AJP <crocodila@ajpaz.org.pt>

**Assunto:** Colaboração no projecto "Elas no Norte e no Sul"

**Prioridade:** 1 (Highest)

**Parte(s):** 2 2ª Pedido de Inf. Parceiros do Sul TABELA.doc [application/msword] 38 KB

Baixar todos anexos (em arquivo .zip)

**Cabeçalhos:** Exibir Todos os Cabeçalhos

1 sem nome [text/html] 11,64 KB

Partes alternativas para esta seção:

sem nome [text/plain] 3,72 KB

Bom dia Sónia,

Esperamos que esteja tudo bem convosco e que os trabalhos corram pelo melhor.

Volto a contactá-la já com uma ideia mais concreta do que pode vir a ser o trabalho/envolvimento dos diferen projecto. Sendo que o que lhe apresentamos são sempre sugestões da AJPaz que podem e devem ser discu Extensão de Educação no Campo da Universidade do Sergipe no sentido de atender às potencialidades de c

Assim, passo a apresentar algumas propostas de colaboração concreta em cada actividade deste projecto:

**“Mulheres e Desenvolvimento” - Oficinas de Sensibilização,** nesta actividade gostaríamos de contar com a da na concepção dos módulos de formação, quer na recolha de bibliografia sobre os temas específicos (refei projecto e outros que possam vir a surgir), quer na concepção de materiais pedagógicos e metodologias de a temas.

**“Elas no Norte e no Sul” – Publicações temáticas.** Estas publicações temáticas reflectirão os módulos de base teórica, às metodologias, passando por exemplos concretos de projectos desenvolvidos nas áreas/tema projecto. Assim gostaríamos de contar com o vosso contributo quer para redacção de alguns artigos, quer pa enquanto entidade de intervenção no âmbito do desenvolvimento local e internacional.

**“Rede de Trocas” – Rede de Intercâmbio.** Esta actividade pressupõe a partilha de conhecimento, informaça mulheres envolvidas em Portugal na actividade 1 e grupos de mulheres que trabalhem com a vossa Associaç estabeleça uma relação pessoal entre elas, com correspondência frequente que lhes permita ter consciênci realidades de ambas e as dinâmicas formais ou informais de desenvolvimento que lhes permite uma melhor

Pedimos que nos ajudassem a identificar as mulheres que possam vir a ser envolvidas e a pensar que forma rede e como constitui-la e ainda que garantisse o seu acompanhamento junto das mulheres Guineenses env. "Elas, Projecto Puxa Projecto" – Encontro Internacional. No caso de ser possível a realização deste enco ano do projecto, gostaríamos que estivessem presentes e participassem na concepção da ordem de trabalho

Em anexo enviamos uma grelha que consideramos facilitar o conhecimento das instituições no que toca ao intervenção do projecto. Temos consciência da abrangência desses temas mas pedimo-vos que a preenchar trabalho que têm desenvolvido. A partir daí podemos ir completando a informação sempre que necessário. P. nos essa grelha e as vossas sugestões a estas propostas quando vos for possível.

Entretanto encontramos-nos a reunir com as diferentes instituições de âmbito social, cultural e recreativo e au! Concelho de Soure no sentido de identificarmos o público-alvo do projecto em conjunto.

Agradecemos a sua disponibilidade!

Um abraço

Andreia Soares

-----  
Acção para a Justiça e Paz (AJPaz)

www.ajpaz.org.pt - [ajp@ajpaz.org.pt](mailto:ajp@ajpaz.org.pt)

(T) +351-239-642815 - (F) +351-239-642816 - (TMV) +351 96 2477031

Rua São João n.º 10 - 3130-080 Granja do Ulmeiro - Portugal

---

[Excluir](#) | [Responder](#) | [Responder a Todos](#) | [Encaminhar](#) | [Ver Discussão](#) | [Remetentes Bloqueados](#) | [Código Fonte](#) | [Cont](#)  
[Imprimir](#)

---

Marcar como:  Mover |  Copiar Esta mensagem para  [Retornar para Ca](#)

| [Infonet](#) | [Assine](#) | [Empresas](#) | [Pessoas](#) | [Pesquisa](#) | [Novidades](#) |

Copyright © InfoNet - [webmaster@infonet.com.br](mailto:webmaster@infonet.com.br) (79) 2106-8000



Assunto: Parceria no projecto: "Elas no Norte e no sul: as Mulheres no Desenvolvimento" – aprovação pelo IPAD

A AJPaz- Acção para a Justiça e Paz vem, por este meio, dar a conhecer à Extensão de Educação do Campo da Universidade Federal do Sergipe a aprovação do projecto de Educação para o Desenvolvimento: "Elas no Norte e no Sul: as Mulheres no Desenvolvimento no qual a vossa instituição é parceira.

A candidatura foi aprovada por um ano pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, o que significa que o projecto se implementado entre Abril de 2008 e Janeiro de 2009, numa primeira fase. Posteriormente, há a possibilidade da aprovação de uma segunda fase do projecto, cuja candidatura ainda terá que ser submetida.

No período de tempo de implementação do projecto, o processo será gerido na AJPaz pela Andreia Soares e Sandra Silvestre, que farão os contactos convosco a partir deste momento.

Este é um projecto que procura contribuir para a afirmação do papel da mulher nas dinâmicas de Desenvolvimento Local e Cooperação para o Desenvolvimento. Esta contribuição aposta em actividades como: Oficinas de sensibilização e capacitação dirigidas a mulheres rurais, empresárias e artesãs; Produção de publicações temáticas para informação e sensibilização quer de agentes de desenvolvimento quer da sociedade civil; Rede de trocas de conhecimento e informação entre as mulheres de todas as instituições envolvidas; Encontro Internacional de intercâmbio de práticas e reflexões pelos actores do projecto.

Em anexo segue ainda o resumo do projecto a que nos referimos no sentido de retomar as relações entre parcerias e dar início desde já às negociações do trabalho que pode ser realizado em conjunto.

A equipa do projecto encontra-se a trabalhar nos conteúdos do projecto para vos apresentar uma sugestão de trabalho, a qual vos pedimos que analisem e sobre a qual façam todas as sugestões. Desta forma conseguiremos um plano de trabalho mais participado e participativo.

Entretanto pedimo-vos que nos enviem informação mais detalhada sobre a vossa instituição e os projectos sobre os quais está a trabalhar neste momento. No folheto da AJPaz em anexo podem encontrar informação relativa ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido e as respectivas linhas de orientadoras, para que nos possamos conhecer um pouco melhor.

Acreditamos que este projecto será a primeira iniciativa de uma parceria forte que nos permitirá uma profunda partilha de conhecimento e de experiência e, conseqüente, aprendizagem. Desta forma daremos um contributo cada vez mais especializado para o Desenvolvimento Global.

Desde já, os nossos agradecimentos pela vossa disponibilidade.

Os melhores cumprimentos,

Coimbra, 18 de Março de 2008

P'la AJPaz

Andreia Soares

-----  
Acção para a Justiça e Paz (AJPaz)

www.ajpaz.org.pt - [ajp@ajpaz.org.pt](mailto:ajp@ajpaz.org.pt)

(T) +351-239-642815 - (F) +351-239-642816 - (TMV) +351 96 2477031

<http://webmail.infonet.com.br/horde/imp/message.php?index=12769>

16/4/2008

# SEU MUNDO ESTÁ AQUI

INFONET. SUA INTERNET COM MUITO MAIS VANTAGENS

79| 2106 - 8000  
www.infonet.com.br

Assine

Empresas

Pessoas

Pesquisa

Novidades

Canais

## webmail



Caixa de Entrada



Nova mensagem



Pastas



Pesquisar



Filtros



Senha



Contatos



Opções



Sair

Caixa de Entr...

### Caixa de Entrada: Rede de Intercâmbio de Mulheres (5 de 55)

Marcar como:  Mover | Copiar Esta mensagem para  Retornar para Caixa de Entrada  
 Excluir | Responder | Responder a Todos | Encaminhar | Ver Discussão | Remetentes Bloqueados | Código Fonte | Continuar | Salvar e Imprimir

**Data:** Tue, 6 May 2008 16:56:41 +0100 [06-05-2008 12:56:41 BRT]

**De:** "desenvolvimento+ajpaz.org.pt" <desenvolvimento@ajpaz.org.pt>

**Para:** "desenvolvimento+ajpaz.org.pt" <desenvolvimento@ajpaz.org.pt>

**Assunto:** Rede de Intercâmbio de Mulheres

**Prioridade:** 1 (Highest)

**Parte(s):** Baixar todos anexos (em arquivo .zip)

**Cabeçalhos:** Exibir Todos os Cabeçalhos

Partes alternativas para esta seção:



sem nome [text/plain] 4,34 KB



Olá a todos(as),

No seguimento do contacto estabelecido com cada um(a) de vós queria agradecer-vos a vossa amabilidade em terem apoiado o projecto e ainda terem disponibilizado o material que nos enviaram sobre as vossas instituições.

Assim, sem querer abusar, envio nova descrição/proposta de colaboração em relação à rede de intercâmbio entre Mulheres

Por favor, analisem a proposta e enviem-nos o vosso feedback:

Projecto de ED: "Elas no Norte e no Sul: Mulheres no Desenvolvimento"

#### Proposta de Rede de Intercâmbio entre Mulheres do Concelho de Soure e Mulheres dos Países do Sul

A primeira sessão de formação/sensibilização decorrerá ainda durante o mês de Maio, dia 31 de Maio, aqui na AJPaz. Na primeira sessão gostaríamos de proporcionar o primeiro contacto à distância entre as mulheres de Soure e as Mulheres de Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique. A nossa proposta é que cada Mulher Portuguesa se possa corresponder com Mulher Africana e/ou Brasileira para que se estabeleça um relacionamento pessoal e futuras redes de solidariedade entre

Para isso, pedimos a vossa colaboração para:

1. Identificar um grupo de 6 ou 8 mulheres que possam vir a contribuir para esta troca de correspondência/cartas (por o

<http://webmail.infonet.com.br/horde/imp/message.php?index=13557>

normal e/ou e-mail - com apoio das instituições parceiras) com mulheres portuguesas. De acordo com a natureza deste projecto estas mulheres devem ser empreendedoras e devem ser muito activas no desenvolvimento comunitário. No fundo, pretende-se que as mulheres africanas ou brasileiras dêem o seu testemunho de vida como exemplo a seguir para as mulheres portuguesas dos contextos rurais, como é Soure.

2. Mobilizar esse grupo de 6 ou 8 para participarem no projecto, escrevendo cartas para Portugal. Numa primeira fase não saberão qual a destinatária. Na primeira sessão em Portugal definiríamos quais os pares que se irão corresponder de forma sistemática e continua ao longo de todo o projecto.
3. Recolher a correspondência e apoiar as mulheres na concepção das cartas/e-mails.
4. Recolher imagens das mulheres, dos seus contextos, das suas actividades, entre outros.
5. Fazer chegar à AJPaz toda a informação: cartas, e-mails, imagens, fotos, objectos (entre muitas outras coisas) que as mulheres julguem pertinente trocar entre si.

A AJPaz, terá a responsabilidade de assegurar que toda a correspondência enviada é devidamente respondida pelas mulheres de Soure. Para além disso incentivará a dinamização desta rede de intercâmbios, para além de simplesmente responder ao que nos for enviado. Ficará ainda responsável por fazer chegar os materiais às diferentes instituições parceiras que depois os farão chegar às mulheres a quem se dirigem.

Neste tipo de rede é fundamental o eventual recurso às novas tecnologias, e para isso contamos também com o vosso apoio junto do vosso grupo de mulheres.

Se estas propostas forem do vosso agrado e estiverem de acordo com elas, gostaríamos de vos convidar a mobilizar o vosso grupo de participantes a estabelecer o primeiro contacto já no dia 31 de Maio. Pensam ser possível a filmagem da apresentação das mulheres que constituem esse grupo? Falamos de filmagens que podem ser amadoras, com máquinas de filmar ou até mesmo com as máquinas fotográficas digitais.

Caso não seja possível, seria óptimo termos cá uma carta ou e-mail de cada uma delas com a sua apresentação: identificação, descrição da comunidade, o seu dia-a-dia, os seus sonhos.

Mais uma vez relembro que estas são meras propostas e que fazemos questão de ouvir as vossas sugestões e contra-propostas.

Um abraço,

Pela AJPaz

Andreia Soares

Adele Caroline S. Bispo  
adele.bispo@seids.se.gov.br  
adelebispo@yahoo.com.br

-----  
Acção para a Justiça e Paz (AJPaz)

[www.ajpaz.org.pt](http://www.ajpaz.org.pt) - [ajp@ajpaz.org.pt](mailto:ajp@ajpaz.org.pt)

(T) +351-239-642815 - (F) +351-239-642816 - (TMV) +351 96 2477031

Rua São João n.º 10 - 3130-080 Granja do Ulmeiro - Portugal

Excluir | Responder | Responder a Todos | Encaminhar | Ver Discussão | Remetentes Bloqueados | Código Fonte | Continuar | Salvar e Imprimir

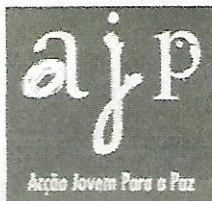
Marcar como:  Mover | Copiar Esta mensagem para

Retornar para Caixa de Entrada

| Infonet | Assine | Empresas | Pessoas | Pesquisa | Novidades |

<http://webmail.infonet.com.br/horde/imp/message.php?index=13557>

7/5/12



## ACÇÃO JOVEM PARA A PAZ/YOUTH ACTION FOR PEACE

### CONVITE

A Direcção da Acção Jovem para a Paz (AJP), vem por este meio convidar a sua Instituição a participar num Seminário, através de uma ou duas pessoas que venha a escolher. O perfil que temos apontado para @s participantes são de activistas/líderes associativos. A estas comprometemo-nos a pagar o alojamento e a alimentação durante todo o Seminário.

Este seminário intitula-se 'Questões de Cidadania em Iniciativas de Intervenção – Paz, Democracia e Justiça', e realizar-se-á em Coimbra, Portugal, na sede da Acção Jovem para a Paz, de 13 a 21 de Junho de 2003. Pretende-se neste debater diferentes questões ligadas à construção da Democracia como garante da Paz e da Justiça. O seminário pretende incluir perspectivas, testemunhos e ideias vindas de diferentes espaços e tempos – continentes, países, universidades, movimentos sociais, gerações, entre outras e trabalhar a Construção da Democracia como "relações de autoridade partilhada" a partir das experiências locais.

Uma das razões que nos levam a formular este convite, e pela qual vos queremos congratular, foi a excelente participação e parceria que estabelecemos com Sônia Meire para a realização de uma oficina durante o Fórum Social Mundial. É um contributo e uma parceria de que não queremos abdicar.

Esperando que possamos continuar a trabalhar por um outro mundo possível,

Coimbra, 21 de Fevereiro de 2003

Pela Direcção da AJP

AJP-ACÇÃO JOVEM PARA A PAZ  
Rua S. João  
3130-080 GRANJA DO ULMEIRO  
COIMBRA - PORTUGAL  
Tel.: 239 642 815 - Fax 239 642 816  
E-mail: [ajp-p@clix.pt](mailto:ajp-p@clix.pt)

(Celina M. dos Santos)

Centro Internacional AJP – Rua São João – 3130-080 Granja do Ulmeiro – Portugal

Tel.: + 351 239 – 642 815 Fax: + 351 239 – 642 816

E-mail: [ajp-p@clix.pt](mailto:ajp-p@clix.pt)



**“Democracia e Paz:  
*Atalhos e Caminhos*  
Apagados do Mapa”**





## ANEXO



### **"A PORO'ROKA DA DEMOCRACIA SEM FIM... Participando na Construção da Paz"**



**Oficina no Fórum Social Mundial - Janeiro 2003 - Porto Alegre, Brasil**

---

#### **Programa**

- Cristina Contera, UdelaR, Uruguai - *"REINVENTAR LA DEMOCRACIA EN LA UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA DE URUGUAY"*
- Denise Leite, URGs, Brasil - *"PARCERIA E AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NO BRASIL"*
- Sônia Meire, Movimento dos Sem Terra, Brasil - *"TERRA COMO VIDA, ESCOLA TRABALHO – EDUCAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA"*
- Evelyne e Maria Aparecida, investigadoras em Pedagogia, Brasil – *"ESCOLA ITINERANTE DO MST"*
- Alcindo Ferla, Brasil – *"SUS - CONSELHOS DE SAÚDE SOLIDÁRIA"*
- Tatiana Moura, Núcleo de Estudos para a Paz/Centro de Estudos Sociais, Portugal - *"As MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA PAZ"*
- Teresa Cunha, Acção Jovem para a Paz, Portugal - *"AS ONG's PELA PAZ"*
- Conclusões - Silhuetas da Esperança Raízes, Vento e Estrelas

---

Cristina Contera, UdelaR, Uruguay

**"REINVENTAR LA DEMOCRACIA EN LA UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA"**

---





### **comunicação escrita**

La Universidad de la República (URUGUAY) es una Universidad pública y autónoma que concentra más de 68.000 alumnos y la mayor parte de la investigación científica tecnológica de ese país. Con más de 150 años de vida, su historia se confunde con la historia de este pequeño país.

La vida institucional está marcada por la participación de los distintos órdenes universitarios (estudiantes, docentes y egresados) en el gobierno universitario. Las autoridades son elegidas por medio de la votación directa de dichos órdenes sin ningún tipo de intervención externa. De esta manera, el ejercicio democrático se transforma en un modo de vida cotidiana. Los estudiantes organizados en la Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay (FEUU) son una parte muy importante de este co-gobierno dado que comparten la responsabilidad del gobierno institucional con voz y voto y capacidad de propuesta.

Desde sus inicios, el movimiento estudiantil abraza los postulados de la Reforma de Córdoba y reivindica la autonomía y el cogobierno, la libertad de cátedra y la democracia en las aulas. Dichas reivindicaciones poseen actual vigencia en el momento actual. Esta macrouniversidad que se instala en un contexto regional y nacional que vive una de sus más importantes crisis económicas. La situación de un país pequeño como Uruguay, se agrava por el escaso desarrollo de su sector productivo, su progresivo endeudamiento externo y el actual fenómeno de búsqueda de nuevos horizontes por parte de un contingente importante de jóvenes que optan por irse del país.

Los jóvenes universitarios no son ajenos a esta situación y reclaman a la Universidad un protagonismo mayor en la búsqueda de soluciones a los grandes problemas del país y una democratización de la oferta educativa que brinda. La idea de "Universidad abierta" en tanto espacio vinculado a toda la sociedad y no exclusivamente a algunos sectores, surge como una necesidad global de superación del actual accionar marginal que se expresa sobre todo en iniciativas de algunos sectores estudiantiles y docentes en el marco de actividades de *extensión*, pero que no han logrado generalizarse en otros ámbitos de la Universidad.





Y en lo que respecta al *demos* universitario, la demanda estudiantil se expresa en fuertes críticas a un estilo de gobierno que es percibido por éstos impermeable a las propuestas e iniciativas estudiantiles sobre todo en lo que tiene que ver con: la ampliación de la democracia interna, su efectiva participación en la toma de decisiones, y prestar atención a la resolución de los emergentes problemas educativos derivados de un contexto caracterizado por un sostenido crecimiento de la matrícula.

La UdelaR no es ajena a los procesos de re diseño capitalista que se observan en otras universidades latinoamericanas, expresados sobre todo en la tendencia a enfatizar los aspectos instrumentales de la producción científico-tecnológica como la solución a los acuciantes problemas económicos que la afectan. Asimismo, la idea que acerca de la función de extensión universitaria tienen los estudiantes no es exactamente igual a la concepción históricamente hegemónica de asimilarla al asistencialismo y más recientemente a su vinculación con el sector productivo.

La socialización política del estudiantado, históricamente se construyó con una fuerte base en su participación tanto en los órganos del cogobierno como en las múltiples instancias de intercambio y discusión de ideas generadas en las propias aulas y que se expandía a todos los ámbitos –aún los informales- de la vida universitaria. En la actualidad, el retraimiento de dicha participación ha puesto en entredicho la legitimidad institucional. Si bien es cierto que la participación real de los estudiantes pasa sobre todo por su concientización, también es posible constatar que el deterioro progresivo y la falta de credibilidad de la vida política y de los partidos, la pérdida de confianza en ellos por parte de la población en general y de los estudiantes en particular, la falta de perspectivas en un país donde los jóvenes no visualizan un futuro posible, han contribuido de forma significativa al actual estado de cosas.

Los estudiantes han encontrado formas de resistencia a esta situación. Una de ellas es básicamente su alejamiento de los órganos del cogobierno universitario. La consecuencia más preocupante de la actitud asumida por el orden estudiantil es en primer lugar el progresivo vaciamiento de dichos órganos y su pérdida de confian-





Este descreimiento encierra por lo menos dos grandes peligros: Que la institución y su legitimidad estén socialmente en cuestión y que por este motivo lo estén también su capacidad de anticipación y proacción.

La solución a los problemas planteados está vinculada a la capacidad institucional de redireccionar su accionar incorporando en la agenda de debate aquellos problemas que hoy integran el currículo *nulo* de la institución.

1. La relación entre la democracia institucional y la posibilidad real de participar en la toma de decisiones por parte de todos los órdenes;
2. la consideración de los asuntos derivados del progresivo aumento del número de estudiantes relacionados sobre todo con la búsqueda de soluciones que no pasen por la restricción en el ingreso y que aseguren una buena enseñanza para todos sin excluidos ni postergados;
3. La búsqueda de una relación más estrecha entre los problemas reales de la sociedad y la producción científico-tecnológica con un criterio proactivo y anticipatorio;
4. La promoción y creación de ámbitos de debate multidiversos que posibiliten el más amplio intercambio de opiniones y la generación de soluciones originales que partan del respeto a la diversidad.

---

Denise Leite, URGs, Brasil

**"PARCERIA E AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NO BRASIL**

---

**comunicação escrita:**

O desafio é pensar agora este imenso sistema educacional universitário brasileiro com 1371 instituições, colocando a problemática da instituição dentro da democracia. A propósito, Denise conta uma história " **A gazela e o leão**: Uma fábula da avaliação das universidades no Brasil".

- 1 - A avaliação é apenas um **organizador qualificado**, ela por si e em si nada faz, **apenas ordena, organiza questões**, nos é que podemos dar-lhe um sentido.





2 - Nos anos noventa as políticas de avaliação colocaram dilemas entre conceitos de conhecimento emancipação e regulação. Nos anos 90 as políticas neoliberais trouxeram consigo experiências de avaliação que colocaram as universidades no conhecido dilema da gazela e do leão.

3 – Que dilema?

Gazela: tenho que correr mais rapidamente para não ser comida pelo leão;

Leão: tenho que correr mais rapidamente do que a gazela para não morrer de fome

(Na globalização vigora a lei da selva e não da solidariedade e da integração)

4 -No Brasil as universidades públicas temendo a lei da selva se reuniram e propuseram ao governo o PAIUB –um programa de avaliação protagonizado pela própria comunidade acadêmica, um modelo com características próprias cuja finalidade é produzir conhecimento sobre a instituição e um projeto político-pedagógico construído de forma participada - Um formato democrático (não puro) .Países vizinhos, como o Uruguai criam um programa semelhante entendendo a avaliação como um instrumento de responsabilidade democrática Casos Exs: UFRGS, UNIJUÍ, UDELAR.

5 – Muda o governo – muda a relação das instituições com o Estado – se implanta o Provão, um exame externo, uma avaliação de especialistas de fora da instituição e um sistema de méritos para avaliação dos professores com correspondência no salário. Estas avaliações acompanham as reformas da educação dos anos 90 e trazem um forte acento bancomundialista.

6 –Tensão criada:

Regulação do Provão X Emancipação do Paiub

7 – Prevaleceram os Princípios do leão e da selva em que vive:

Competitividade – qual gazela corre mais?

Classificação – ordenamento entre gazelas – da mais forte à mais fraca

Controle –gazelas só andam em locais permitidos e sinalizados por leis maiores





Produtividade – quantos km/dia correm as gazelas

8 – Moral da história:

Princípios do leão não conduzem à democracia institucional porque se as gazelas não se auto-conhecem em suas debilidades (e também pontos fortes) não conseguem desenvolver seu potencial coletivo e emancipatório – um bando sem direção dentro da selva (é tudo que o leão precisa) a selva vai permanecer no seu domínio – ele sempre será rei. (ainda que de uma selva!).

---

Sônia Meire, Movimento dos Sem Terra, Brasil

**"TERRA COMO VIDA, ESCOLA, TRABALHO –  
EDUCAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA"**

---

***notas retiradas durante a apresentação***

Como estamos falando em instituições, na Universidade de Sergipe temos experiência nesta matéria. No Brasil, a universidade foi ampliando sua ação. A Universidade teve contacto com educação popular nos anos 70, mas na década de 80-90 esta ficou esquecida nas universidades. Porém, o MST impôs uma ressonância nas universidades para que as pessoas que estão trabalhando com ensino-pesquisa-estudo pudessem ver que existe vida fora da universidade. A minha experiência é com assentamentos. No entanto, a educação no campo não é só para o MST – é educação para todas as pessoas que vivem no campo – experiência que se amplia para escolas de grau médio. Vou mostrar para vocês a experiência dentro dos assentamentos de reforma agrária.

***Apresentação em powerpoint:***

*O papel do lugar é determinante.*

Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. Milton Santos





A Educação do campo é um conceito que surgiu da preocupação de se delimitar um território teórico, porque acreditamos que precisamos pensar a partir do lugar onde vivemos.

As diferentes lutas por terra desde a resistência indígena, de Zumbi dos Palmares, à guerra de Contestado, Antônio Conselheiro, as Ligas Camponesas e os movimentos sociais da atualidade, reorientam o papel do campo. Fundados nos princípios da liberdade e da igualdade de oportunidades, reconhecem-se nas diferenças e propõem novas possibilidades de reinvenção social.

Esses movimentos a cada dia renovam as crenças nas suas potencialidades e exigem uma educação que fortaleçam seus ideais e suas necessidades humanas.

Querem uma educação do campo e no campo e não para o campo.

O campo é mais que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições de existência social e com as realizações da sociedade humana. Relatório Parecer nº 36/2001

## **O QUE QUEREMOS?**

### **DIREITO À EDUCAÇÃO. MAS NÃO QUALQUER EDUCAÇÃO.**

QUEREMOS UMA EDUCAÇÃO QUE SEJA:

- ✓ **PARTICIPATIVA:** participação popular como método de gestão das políticas públicas e das comunidades onde vivemos;
- ✓ QUE **RESPEITE AS DIFERENÇAS** sem distinguir os sujeitos da educação; Não a diferença que inferioriza e exclui, mas sim as diferenças que nos alimentam e nos fortalecem abertos para o mundo;
- ✓ **DEMOCRÁTICA** – somente construiremos um mundo melhor se exigirmos e estimularmos a co-gestão, a coletividade, a soberania fundados em valores humanistas (solidariedade, justiça social, respeito à terra e seus ciclos e movimentos).

### **Identidade de escola do campo**

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecno-





logia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Relatório Parecer nº 36/2001.)

#### **CINCO ASPECTOS PEDAGÓGICOS IMPORTANTES DO PARECER:**

1. Qualidade de vida e desenvolvimento sustentável – deve está intrinsecamente articulado ao projeto pedagógico;
2. Diversidade cultural dos que vivem no campo;
3. Participação da comunidade do campo no direcionamento das atividades, na gestão e no controle social da qualidade da educação escolar;
4. Observar as demandas dos movimentos sociais e a importância das diferentes experiências em subsidiar os componentes das políticas educacionais;
5. Os princípios da educação do campo devem estar fundados por uma abordagem da solidariedade e por princípios coletivos na resolução dos problemas do campo;

#### **NOSSAS LUTAS POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

- Inclusão da educação do campo nos planos municipais e estadual;
- Criação de escolas no campo;
- Formação de professores para séries iniciais e formação continuada para todos os níveis e modalidades;
- Salários dignos;
- Criar a articulação municipal Por uma Educação do Campo;
- Atuar junto aos conselhos estadual, municipais e os escolares discutindo e apresentando propostas para melhorar a gestão da educação, a organização curricular (seus tempos, espaços, conteúdos e metodologias);
- Continuar promovendo encontros e seminários municipais e regionais para discutir e articular as ações por uma educação do campo;
- Articular as ações educativas com as secretarias municipais e estaduais do esporte, do lazer, da ação social, do meio ambiente, da ciência e tecnologia, além de órgãos como IBAMA, ENDAGRO, INCRA, SUDENE, SINDICATOS, UNIVERSIDADES, ESCOLAS TÉCNICAS E AGROTÉCNICAS, dentre outros.
- Apoiar as ações da Articulação Por uma Educação do Campo;





- Actuar junto aos conselhos estadual, municipais e escolares discutindo e apresentando propostas para melhorar a gestão da educação, a organização curricular (seus tempos, espaços, conteúdos e metodologias);

**O homem nasceu livre e em todos os lugares ele está acorrentado (Rousseau)**

- ◇ Do ponto de vista do cotidiano da educação o que nós professores e professoras podemos estar realizando nas escolas do campo.
- ◇ A educação do campo exige um pensar crítico permanente em torno da ação transformadora e dos seus resultados. Não é possível transformações com posturas ingênuas.
- ◇ Uma das consequências de atitudes ingênuas está na atitude mecânica de substituição do latifúndio por assentamentos. Não se trata disto, mas sim de uma nova política cultural, ética, econômica, social que exige atitudes pedagógicas comprometidas com a comunidade.
- ◇ Uma outra consequência é a de transformar os trabalhadores da terra em simples objetos de transformações.
- ◇ Por isto dizemos não, a uma educação para os trabalhadores . Dizemos sim, a uma **educação partilhada** com eles e elas.
- ◇ A escola não é o lugar da reinvenção social, mas deve estar comprometida com o projeto da reinvenção.
- ◇ O projeto da reinvenção precisa contrapor, confrontar, descobrir conhecimentos esquecidos e ocultos pelos paradigmas técnicos científicos da modernidade.

**Em qualquer parte da terra, um homem e uma mulher estará plantando, recriando a vida, recomeçando o mundo. (Cora Coralina)**

- ☑ Se estão recriando o mundo é porque não são meros instrumentos de produção.
- ☑ Assim sendo, eles precisam de uma educação que possibilite o diálogo e novas relações humanas, não o silenciamento.
- ☑ A atitude do professor ou professora não pode ser paternalista para com os trabalhadores da terra. Isto os mantém no estado de dependência e não contribui em nada para a superação dos fatalismos, da situação de vítima e de conformismo;





- ☑ O assistencialismo e o paternalismo imobilizam os que vivem na e da terra. A sua consciência pode ser ampliada através de uma permanente mobilização de todos e todas. Na participação ativa das práticas políticas, de organização do seu espaço de vida, na defesa dos interesses mais universais e não individualistas;

Como a educação pode contribuir para isto?

- ☑ Através da ação. Uma ação cultural onde educando e educadores são sujeitos do conhecimento e das práticas sociais.
- ☑ Na ação cultural entende-se os assentamentos como unidade cultural cujos aprendizados e capacitação técnica não pode acontecer por transferências de receitas.
- ☑ Alfabetizadores, engenheiros agrônomos, técnicos em agropecuária, precisam encontrar-se com os trabalhadores estabelecendo sempre o diálogo, tendo a terra como mediadora deste.
- ☑ É deste modo que surgem os temas geradores nas salas de aula: do diálogo, dos problemas cotidianos;
- ☑ A educação enquanto ação cultural como bem defendeu o nosso mestre Paulo Freire é aquela que exige do educador que ele, partindo das situações concretas, coloque-as como problemas para serem pensados, criticados, teorizados, a fim de que todos os trabalhadores encontrem alternativas cada vez mais lúcidas e reflexivas sobre a realidade. Isto resultará em uma outra inserção social no campo.

---

Evelyne e Maria Aparecida, investigadoras em Pedagogia, Brasil

### **"A EXPERIENCIA DA EDUCACAO NÃO FORMAL NO MST"**

---

#### ***notas retiradas durante a apresentação***

Esta equipa começou com uma experiência não empírica e depois foram conhecer o espaço do assentamento. Tiraram impressões mas que não foram ainda aprofundadas. Isto foi o que encontraram lá de gestão democrática, à primeira vista...





Um dos princípios fundamentais é a radicalidade da democracia. A escola itinerante tem a identidade do acampamento onde está e acompanha os acampados e assentados. Eles trabalham esta escola e esta educação a partir da sua realidade, fazendo uma ponte com o conhecimento formal. Na relação que têm com o conhecimento e com a questão dos conhecimentos formativos socialmente úteis, tudo é debatido. Tem-se na escola itinerante toda uma cultura de diálogo, de participação e de autonomia. O que encontramos nesse espaço foram os indivíduos educadores e educandos mergulhados num ambiente democrático, de diálogo. Quando elas começaram a explicar como funcionavam as escolas, eles contam como começaram por levantar os barracos e por pintar os mesmos. Têm um núcleo da juventude e participam das reuniões, tendo uma vivência diária da construção da democracia, da construção do assentamento. Esta é uma dificuldade que nós encontramos nas instituições universitárias e cuja solução não vivemos diariamente. Temos uma cultura de hierarquia bem definida, e no movimento eles tem que organizar o seu espaço para lutar pela terra e na escola itinerante nós também encontramos isto. Existem também, é claro, hierarquias e rigidez de visões, mas naquele dia que fomos à escola, nós ouvimos falas muito significativas, e eles diziam: "Para nós aqui é tudo muito organizado. É e que nem o exército." E quando perguntei "Quem manda?" Eles disseram: "Ninguém manda. Todo mundo manda" - disse outra garota.

A vivência da democracia é a maior diferença entre os movimentos e a as instituições. Os pertencimentos são discutidos. A informação é muito importante e tod@s são engajados. Eles dialogam sobre estas questões, sobre as dificuldades de aprendizagem. A diferença e que eles discutem isto com os pais. A minha escola da rede municipal tem como princípio a gestão democrática, mas ela não existe de fato, não existe o pertencimento, o tomar conta dos espaços. É uma luta constante para trazê-los à realidade.

No Rio Grande do Sul, as escolas dos assentamentos são estatais ou municipais. E existe uma diferença muito grande quando estas pessoas vão para estas outras escolas. Há um choque e um estranhamento. Isto foi trazido para que elas pudessem discutir as dificuldades na rede municipal, mas nesta outra estrutura só falamos de dificuldades e de como se vive lá.

Os assentamentos são a construção de toda uma nova sociedade e as crianças vão-se posicionando nesse novo espaço. Elas contam como ficam na beira das estradas e como são chamados de vagabundos - porque os mendigos na cida-







de não fazem tanto mal, não gritam. É impressionante como os assentados participam desse processo.

Quando as crianças falavam do assentamento eles diziam que nos vínhamos de uma sociedade de fora; de fora da construção desse movimento como política pública.

Falta saber como será agora a continuidade desse trabalho?

---

Alcindo Ferla, Brasil

### **"SUS - CONSELHOS DE SAÚDE SOLIDÁRIA"**

---

#### ***notas retiradas durante a apresentação***

Quis propor a construção de poro'rokas entre gazelas e leões. Na internalidade dessa metáfora fomos felizes na escolha entre educação e saúde e podemos identificar os leões com muita facilidade, o que condiciona a possibilidade de cada um estar produzindo Poro'rokas. É médico e fez o mestrado e doutorado em educação. Na saúde consegue identificar de forma diferente leões e gazelas, entre o profissional e o usuário. A este último não é dada nem a possibilidade de ser cidadão, porque ele já nasce passivo como paciente.

O nosso contexto está na legislação e também está mergulhado numa experiência de governo do Rio Grande do Sul, onde esta capacidade de fazer poro'rokas foi muito importante. O desenho constitucional diz que a saúde é um direito de todos e um dever do estado. O sistema deve ser permeável à participação da população, através de conselhos de saúde. A CNS, a rede apontada como inovação no sistema de saúde, acontece por conferências, a cada 4 anos e seminários em todos os conselhos. Os 5555 municípios têm conselhos e os estados também. Por lei, os componentes dos conselhos são usuários, prestadores de serviço, trabalhadores da saúde e do governo. O quantitativo não vem definido na legislação, só diz que metade têm de ser usuários.

Este é um movimento inovador no sistema de saúde. Veja-se pelos participantes e pelos desenhos (em baixo) que constroem, através da metodologia das árvores, a sua interpretação da realidade e de qual saúde ela fala, durante os conselhos de saúde. O desenho é reconfigurado por cada grupo com quem se trabalha.



São duas as saúdes que os setores produzem – as doenças que a modernidade apresenta – que produz leões; e a doença do afastamento – que produz a tensão do pipocar das poro'rokas. Também significativos são os depoimentos, pois mostram mudanças no sistema. "O SUS é legal" porque permite a participação e a possibilidade de participação de cada um.

**Mil saúdes: lutar pela saúde para fazer a vida valer a pena**

Deixei de trabalhar mais de 20 anos para crescer e cuidar conosco e cuidar a saúde que eu quero. Comecei a fazer o SUS e a vida mudou. A vida vale a pena e não é mais a mesma coisa. Não é mais a mesma coisa.

Tem que abrir a clínica de novo, abrir a clínica de novo, abrir a clínica de novo. A vida vale a pena e não é mais a mesma coisa. Não é mais a mesma coisa.

Paula, 2000

**Conselhos de Saúde, solidariedade e democracia: a experiência brasileira**



Protocolos de trabalho e participação na construção do SUS

**A saúde na Constituição Brasileira:**

A saúde é um direito de todos e um dever do Estado, que deve ser garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Ações e serviços de saúde devem estar integrados em um sistema único, com direção descentralizada, atendimento integral e permeável à participação da população.

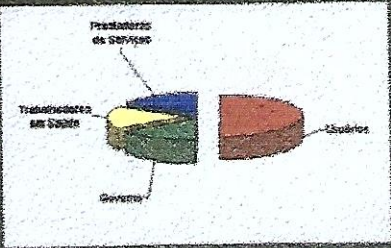
**Participação da População: Conselhos e Conferências de Saúde**



Conselhos de Saúde e Conferências de Saúde

Conselhos de Saúde e Conferências de Saúde

**Composição dos Conselhos de Saúde:**



Componente	Cor
Prestadores de Serviços	Verde
Trabalhadores em Saúde	Amarelo
Cidadãos	Vermelho

**Outros mundos mais saudáveis no foco da participação da população**



Outros mundos mais saudáveis no foco da participação da população



---

Tatiana Moura, Núcleo de Estudos para a Paz/Centro de Estudos Sociais, Portugal

**"As MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA PAZ"**

---

**DA VITIMIZAÇÃO À PARTICIPAÇÃO – NOVOS CONCEITOS DE PODER**

- Desde 1945 morreram cerca de 20 milhões de pessoas em guerras;
- No início do século XX entre 85% e 90% das vítimas (ou mortes) provocadas pela guerra eram soldados ou combatentes; apenas uma pequena minoria da população civil era atingida;
- Durante a II Guerra Mundial estima-se que a população civil que morreu rondava metade ou dois terços do total do número de mortos;
- Actualmente estima-se que três quartos dos mortos de guerra são civis. Se incluímos refugiados e feridos, a proporção aumenta para 90%.
- Por outras palavras – durante o século XX a guerra foi sendo gradualmente *trazida para casa*, para a população civil.
- Se aumentou o número de vítimas entre a população civil, aumentou o número de mulheres afectadas pelos conflitos. No entanto, muitas das estimativas não diferenciam o sexo das vítimas, ou dos mortos.
- No que diz respeito à questão dos refugiados a informação é maior: o ACNUR estima que 80% dos refugiados internacionais são mulheres e crianças – ou seja, existem 16 milhões e 400 mil mulheres e crianças que são refugiados. No que diz respeito a deslocados internos (que abandonam a sua aldeia, vila ou cidade, sem cruzar as fronteiras do país), o número aumenta: 20 milhões e 400 mil mulheres e crianças. O que perfaz um total de 37 milhões de mulheres e crianças deslocadas (interna e internacionalmente).
- Uma vez que as mulheres, na sua maioria, ficam mais próximas de casa continuando a cuidar da família, tornam-se o suporte das suas comunidades;
- Mas o facto de ficarem muitas vezes em casa não significa que não sejam afectadas directamente pela guerra: existe um tipo de violência que afecta as mulheres em particular – a violência sexual;





- A violação é usada como arma de guerra, e tem como alvo principal as mulheres; atinge principalmente refugiadas – exemplos: mulheres somali nos campos do nordeste do Quênia, mulheres muçulmanas na Bósnia, entre outras.

### **Participantes pela paz**

- As análises da violência política e dos conflitos armados omitem a participação das mulheres nas forças armadas, guerrilhas, forças paramilitares ou nas operações de paz. Por outro lado, tem-se recorrido à divisão simplista dos papéis, rotulando os homens como perpetradores da violência e actores activos durante os conflitos (associados à agressividade) e as mulheres como vítimas e defensoras da paz ou construtoras naturais da paz (associadas à passividade);
- Este pacifismo tido como inato é frequentemente atribuído ao papel de mãe e prestadora de cuidados. Ou seja, pelo facto de as mulheres serem mães, darem vida, é *natural* que se oponham à guerra e à violência;
- Este tem sido um argumento controverso – nem todas as mulheres são mães; nem todos os homens são intrinsecamente violentos; o papel e educação das mulheres enquanto mães é também uma construção social;
- O processo que conduz à paz segue, de um modo geral, dois caminhos paralelos: as negociações formais de paz, visíveis e públicas, que geralmente resultam num acordo de paz; e um segundo caminho, frequentemente invisível e anónimo, que consiste num conjunto alargado de actividades informais promovidas por grupos heterogéneos de organizações voluntárias locais. O processo formal tende a ser altamente androcêntrico e caracteriza-se por uma sub-representação das mulheres. A vertente informal, frequentemente relegada para segundo plano, tem, em regra, como principais actores organizações locais de mulheres, que desempenham papéis cruciais na construção de uma nova cultura de paz e na definição de alternativas a conflitos violentos, através da organização de programas de educação para a paz, de reconciliação e de actividades de reconstrução social. Muitas mulheres vêem estas organizações como um espaço único de mobilização, de criação de laços de solidariedade e de reconstrução dos quotidianos.
- Ou seja, a percepção das mulheres como vítimas durante os conflitos violentos obscurece os seus papéis enquanto actrizes nos processos de reconstrução e de construção da paz. As mulheres são sistematicamente excluídas dos processos de tomada de decisão nas negociações de paz e nos processos de construção de paz, apesar do seu papel crucial de mediação e reconciliação ao nível local





- As mulheres **não são vítimas passivas**. Desempenham um papel muito significativo na **construção da paz** e na reconciliação aos níveis local e da comunidade em regiões afectadas pelo conflito. Têm um papel activo na desmobilização, na reconciliação entre comunidades, na defesa e promoção de direitos humanos, legislação, democratização, desenvolvimento, combate à pobreza, iliteracia e programas de capacitação económica
- Pode-se argumentar por oposição – a violência está profundamente enraizada, desde há séculos, na cultura masculina, principalmente na cultura masculina ou patriarcal ocidental (cultura da violência). Pode-se usar o argumento de que as mulheres são socializadas de forma a serem menos violentas do que os homens – assim o pressuposto não seria o da inclinação natural das mulheres para a paz, mas sim a menor propensão das mulheres para a violência.

### **Acções das mulheres pela paz**

- As acções das mulheres em defesa da paz têm características comuns em todo o mundo: são acções não violentas - e por não violência entendo a ausência de hierarquia, compromisso com a democracia no sentido de igualdade e ausência de autoridade;
- São acções que pretendem desafiar a inevitabilidade da ordem social dominante e da guerra, denunciando a natureza hierárquica da nossa sociedade (que se reflecte em valores como a competitividade, a agressão, a burocracia, a exclusão, etc e está presente nos Estados, exércitos, igrejas, empresas, entre outros);
- São acções que denunciam os vários rostos do patriarcado enquanto sistema de valores desenvolvido através da experiência masculina, e em particular o sistema da guerra;
- São acções que procuram **reconceptualizar o conceito de poder** – isto é, substituir a noção de "poder sobre" por uma noção de "poder com", ou seja, substituir a ideia de poder enquanto a capacidade de obrigar e dominar por uma lógica de poder enquanto responsabilidade e capacitação (*empowerment*) que estão na base das parcerias;
- Gandhi afirmou que "não há caminho para a paz, a paz é o caminho". Ao ser um caminho é também um processo inacabado, em constante transformação. Os





espaços alternativos ou fenómenos de paz já existem, e têm como principais protagonistas as mulheres. O projecto de uma nova cultura da paz, radical, que sirva de alternativa à já tão enraizada cultura da violência, que evite um retrocesso ou manutenção de um modelo masculino estatocêntrico, etnocêntrico, patriarcal, de poder sobre (os outros) deve incluir em grande parte as propostas da paz oferecidas e levadas a cabo por mulheres.

---

Teresa Cunha, Acção Jovem para a Paz, Portugal

**"AS ONG's PELA PAZ"**

---

«É activista da paz há muitos anos e afirma-se feminista. O núcleo do CES convidou-a para trabalhar sobre este tema. Ela e a Tatiana estão a trabalhar sobre 'mulheres e paz'. O Youth Action for Peace (YAP) é um movimento internacional pacifista, do início do século 20. É antigo e milita pela paz, acreditando que não se pode construir a paz sem cruzar fronteiras, sem mestiçar as relações, fazendo amigos do outro lado, sem o ver como adversário – que é exactamente a técnica dos guerrilheiros: não olhar nos olhos. No YAP faz-se exactamente o contrário, abrimos bem os olhos para enxergar quem está do lado para construir a paz. Cruzar fronteiras cria paz e não a guerra.

Por exemplo, a situação das mulheres, que não são feministas loucas dizem que vão queimar os soutiens na praça pública. Não se nasce sabendo a Paz, pratica-se. Para as mulheres que não falavam, criou-se berçários para cuidar dos seus filhos e estruturas onde as mulheres eram parceiras fundamentais. Com isto tivemos presidentas e secretárias que ajudaram outras mulheres. Criou-se uma cultura de contra-poder – um poder de autoridade partilhada – porque quando os subalternos chegam ao poder é difícil exercer o autoritarismo. A paz se aprende na luta onde as mulheres têm o papel de transgredir as formas de poder existentes – não porque sejam pacifistas de origem – a invasão do feminino que é subalterno, mas também o que não passa pela universidade. Isto subverte muita coisa. Os homens sentem-se mal no movimento e acabam por sair, porque não podem cantar de galo junto de mulheres assim e porque não sabem lidar com mulheres poderosas.





Nós sentimos isso como uma ausência porque queríamos tê-los connosco. A inclusão dos homens é um desafio a enfrentar.

Em segundo lugar, os pacifistas condenam a violência. Mas, o que dizer da justiça?

O que dizer dos palestinos? Somos contra ou a favor? A resposta acabada é coisa da modernidade, que para cada pergunta tem uma resposta. Nós vivemos na incerteza, o que é e traz uma grande aprendizagem - não fugir dos problemas. Outro caso foi o apoio ao povo de Timor, aos guerrilheiros. Havia dignidade naquela luta, mas era violenta. A Paz só pode ser construída na tensão de dilemas, respostas complexas, muita inclusividade e muita humildade.

O que tem a ver com democracia e justiça?

A democracia é uma permanente interrogação sobre as coisas. Com Lula, a esperança venceu o medo, o medo de não ser capaz. Talvez não seja, em Coimbra, uma feliz investigadora social, mas no seu movimento, a AJP, trabalhou com indígenas do Recife, recuperando o conceito grego acção poética, a capacidade de agir – a *poiesis* – toda a natureza a agir para transformar a natureza, juntamente com as águas do oceano...

---

## AS SILHUETAS DA ESPERANÇA

---

### AS RAÍZES

Posicionei-me, posicionemo-nos de **pés despídos** nos **veios** abertos da terra, a pouco e pouco, perfuramo-la com as extensões que saem das nossas plantas dos pés e que se multiplicam cada vez mais enraizadas e alimentadas pela fertilidade e riqueza com que nos deparamos, herança de corpos mortos, queimados, que putrificam, morrem e em troca retribuem vida. Desprovidos de protecção, apenas com um arado para a humidade, calor, energias ou cheiros, mistérios ou tesouros, das sementinhas que a Terra guarda e proporciona, percebemos o que nos agarra e solidifica as crenças, as certezas, o que materializa os sonhos e nos impele para cima, para a (r)evolução, o crescimento, a maturação e constante regresso à base de tudo, o que nos forma o que nos corre nas veias e nos alimenta, física ou espiritualmente.





Um elemento principal desta Poro'roka é a **Terra** planeta, terra-mãe, campo, espaço rural, Cultura, centro da Terra e núcleo. Sustém a Vida, dela brota a Vida e dela tudo renasce, do seu pó, das suas cinzas, das suas sementes mortas, dos sonhos sedimentados, esquecidos, adiados. **Terra é**, então, **tudo**, as raízes acabam por acumular e beber a sua força e dinamismo de todas essas ideias. Buscando cada contributo de cada um que interveio nesta oficina, procuro transformar meu sangue em seiva e vestir-me de trajes secos como as folhas que se decompõem e se tornam amareladas, castanhas, negras em terrenos áridos, pantanosos, desérticos. Nesta dificuldade que é defender e desconstruir valores e utopias *poéticas*, como a democracia e a paz, não nos ficando só pelas nuvens e seguindo cabeças de vento de políticos e tant@s outr@s, o desafio é agora como conseguir manter os pés na terra, em algo sólido, que nos dê força e vigor, porque terra é também sinónimo de energia. Eu ia buscar raízes, aprendizagens e solidez para este futuro contraído-presente redimensionado, à terra enquanto vida(s), nossas vivências e experiências, o facto de nós estarmos aqui, porque vivemos e porque passamos por alguma estrutura/instituição mais ou menos rígida que carece de lima nas suas poliédricas arestas. E partilhar isto. Para mim terra e ter raízes é partilhar chão e caminhos. Dai vem força e um bocadinho da ideia e da emoção do que é a Democracia vivida na sua plenitude. Uma marcha partilhada com milhares de pessoas deixa marca nas nossas vidas, como as experiências de democracia. Isto traz sem dúvida muita esperança. Esperança que bate e se propaga de novo ao sabermos melhor como a experiência educativa de um movimento como os Sem Terra, lida e constrói com as crianças uma sociedade muito melhor. Virá do seu apego e respeito pela terra essa possibilidade e força de mudança? Serão como magma vulcânico incandescente, saído das entranhas da Terra, estas experiências, os sorrisos e as aprendizagens de cidadania, por que passam estas crianças? Irão romper e renascer mais vulcões destes? Criança é esperança. Da Terra ou dos que não a possuem mas têm-na no peito vem muito ensinamento, ele deve ser contínuo e perpassar a vida. Terra é feminina, falamos de Mulheres e da sua participação, falamos da sua ligação à Terra. Ela é também solo, terra fértil, detém papel activo, onde as sementes são deitadas e acolhem húmus. E é esta fertilidade, este campo de cultivo e de cultura que é também premente, urgente continuar cultivando.

A Terra também tem água, sismos, vulcões, erupções e crateras, retira de si e renova-se. Inflama, murmura, alimenta, irrompe é Poro'roka.







Aprendamos com quem está ligado pelas raízes ou canais a uma cultura da sustentabilidade, uma pedagogia da Terra, pela Terra e com @s que nela vivem, tod@s nós.

## OS VENTOS

*"SOPRAM COM A ÁGUA, DANÇAM COM OUTROS VENTOS"*

Depois de escutar o discurso do Lula, pareceu-me que ele seria a pessoa mais indicada para "ver/olhar" a Poro'roka a partir dos ventos tal qual eu o tinha sonhado fazer, porém a sua missão é agora outra...

Os ventos... OS ECOS, AS MENSAGENS, AS RESSONÂNCIAS [DE UMA(S) PORO'ROKA(S)] LEVADAS DAQUI PELOS VENTOS PARA OUTRAS TERRAS, PARA OUTROS POVOS, PARA OUTRAS PESSOAS E CRIATURAS... através de Epidemias, Contágios e Maremotos!

O vento corre com a água... A ÁGUA REBENTA DAS "ILHAS DE RESISTÊNCIA" PARA O RESTO DA SOCIEDADE, E O VENTO COMEÇA A SUA CAMINHADA!

Se a água transforma tudo e tod@s onde quer que passe, ora destruindo, ora fertilizando, também os ventos têm os seus efeitos:

*ENCHEM-NOS POR DENTRO!... De Esperança, de Sonhos...*

*CONVIDAM-NOS!... À Partilha, ao Cuidado, à Igualdade...*

*ELEVAM!... o Subalterno e o 'Pequeno'*

*INSPIRAM!... PERTURBAM!...*

Estes nossos Ventos, começados hoje, mas ainda longe de terminar, são em grande medida como o Fórum Social Mundial – *TERÃO DE DAR A VOLTA A TODO O MUNDO PARA PROVAREM QUE SÃO VERDADEIROS E PROFUNDAMENTE ALTERNATIVOS!* Terão de caminhar por muitas terras, terão de engrossar, terão de correr os caminhos da utopia e dos sonhos, que tod@s corremos quando estamos acordad@s! E terão de pertencer a tod@s e não a um grupo de louc@s desterrad@s e alienad@s! O egoísmo não cabe nos ventos, eles servem para dar e receber, para serem dados e recebidos, transformando tudo o que circula e criando articulações, sem fronteiras ou barreiras!





E quando dá a volta ao Mundo, este Vento que tanto consigo carrega tem de ser Livre, Leve e Flexível... o seu caminho de descoberta só é possível com *UMA AUTONOMIA QUE LHE PERMITE 'LEVANTAR VOO', E, ENTRE ESTRELAS E RAÍZES, SEM ESTAR PRESO, VER, DESCOBRIR, PROCURAR, CONHECER...* tendo como único compromisso e única inflexibilidade, a verdade da mensagem que leva! Mudar de Sítio e de saber mudar Olhar é também um Saber – é o Saber despir-se e o Deixar-se Ir!

Os Ventos, seres simples, mas raramente discretos, *NÃO SÃO HOMOGÊNEOS OU UNIFICADOS...* também têm, como nós e como as poro'rokas, formas, maneiras, momentos, forças, sabores, cheiros! Não são inquebráveis ou incorruptíveis... e nem sempre são Calmos!

É verdade que *O VENTO BONITO É O VENTO BRANDO*, ameno, morno que nos envolve, mas que é também firme, forte e constante... é este que encontra e nos *DEIXA ENCONTRAR O TEMPO E O ESPAÇO PARA CONSTRUIR A MUDANÇA.*

Mas é igualmente verdade que até *OS VENTOS SABEM QUE ÀS VEZES TÊM DE SER AINDA E CADA VEZ MAIS FORTES, VIOLENTOS E DUROS!* Transtornar é preciso, Ceder é um risco... A Paz talvez também se possa Fazer Construindo uma grande Luta, que assenta na Esperança e na Alegria! O Ciclone só poderá surgir da Resistência e da Capacidade de criação de uma Democracia de Intensidade Crescente!

Os Ventos são transparentes...

Os Ventos *LEVANTAM A POEIRA*, retiram o lixo acumulado – triam o superficial e deixam à vista o que realmente importa, deixam voltar à tona o que um dia perdemos na confusão e que tanto queremos recuperar – a nossa Voz, o nosso (auto-)conhecimento, a nossa Liberdade de Interferência no Nosso Destino, a nossa Organização Colectiva!

Visto assim, talvez os Ventos sejam instrumentos e exemplos da globalização saudável que procuramos! Eles *LEVAM A TODAS E TODOS OS VENTOS, AS TEMPESTADES, AS ESPERANÇAS DE TODAS E DE TODOS!* Sim... a Poro'roka Imaginada e Sonhada não pode ter um só centro, não pode gerar uma só tempestade ou onda... Só o encontro de muitas Poro'rokas poderá levar as águas e os ventos aos Céus!





A DEMOCRACIA, A PAZ, A JUSTIÇA SÃO TAL QUAL BRISAS SUAVES, PESOS LEVES QUE OS VENTOS NOS AJUDAM A CARREGAR – todos os dias lançamos sementes, todos os dias experimentamos pequenas grandes conquistas. A paz podre, que combatemos, será sempre um peso pesado que os ventos transportam connosco, quiçá por castigo ou para que permaneçam como a angústia que vem da não acção, da não participação, do não compromisso!

CADA UMA E CADA UM DE NÓS SOLTOU O SEU GESTO E O SEU GRITO, QUE SE TRANSFORMARAM EM VENTOS... VENTOS QUE AQUI E HOJE ENCONTRARAM OUTROS AOS QUAIS SE JUNTARAM, FAZENDO FLORESCER PORO'ROKAS DA PAZ, RUMO A UMA DEMOCRACIA SEM FIM,... QUE AMANHÃ SE JUNTARÃO A MUITOS MAIS VENTOS E A CADA VEZ MAIS PORO'ROKAS!

ABRAÇA-SE MAIS ATÉ SE ABRAÇAR TUDO!

Lembro, antes de terminar, uma ideia que o Lula reiterou no seu discurso ao Fórum Social Mundial – o que fizemos até agora e o que estamos a fazer hoje é de uma grande responsabilidade, e temos de conseguir responder às expectativas que criamos, aqui e no resto do mundo – JUNTANDO O PENSAMENTO À ACÇÃO, TALVEZ ERRANDO, MAS NUNCA TRAÍNDO OS NOSSOS PRINCÍPIOS!

P.S.- Cantar e Rebentar Balões também são gestos, talvez 'simples', que provocam Poro'rokas... libertam uns ventos transparentes e invisíveis, mas de significado profundo: ESPANTAR MEDOS E CONVIDAR ALEGRIAS!

## AS ESTRELAS

As estrelas indicam-nos o caminho, guiam-nos, dão-nos alento e inspiram-nos quando as **forças e a energia da perseverança** caíem um pouco. Mas, por outro lado, são algo distante: pequenas mas **fortes luzes que brilham lá no cimo a milhares de quilómetros de distância**. São imensas, todas diferentes, todas brilhantes, todas longínquas, únicas! Parecendo inatingíveis são capazes de despertar em nós um querer, uma **energia forfíssima de descoberta de algo novo e diferente**. Despertam-nos interrogações várias: Como será lá em cima? Será que algum dia conseguiremos chegar lá? E se chegarmos, o que vamos encontrar? Será aquilo que esperamos? Estes e outros medos povoam as nossas palavras, acções e ideias e



foram hoje, aqui na PUC, expressos por portugueses@s, por brasileir@s, por urugai-  
as...

Cada um@ de nós representa uma Estrela, uma **fonte de inspiração e alento** para tod@s @s outr@s. Cada um@ de nós trouxe para a Poro'roka um **brilho único, especial, uma força e energia que partilhámos e tornámos Uma Só**– Criámos hoje aqui nesta sala da PUC uma **Nova Constelação**. Uma nova forma, inédita surgiu hoje no céu, com um **novo brilho e energia renovada**. Começou a desenhar-se há uns tempos atrás, mas foi hoje que o desejo **ganhou corpo, alma e força**. E tal como nós, outras constelações foram desenhadas neste edifício, na PUC, no FSM, em Porto Alegre, no Brasil e por esse imenso céu a fora. Cada uma inspirada e desenhada por diferentes Estrelas e Energias, alguma visíveis apenas em noites claras, outras com uma luz mais baça, mas todas numa **permanente reconstrução e busca de novos desenhos, novas formas, novos modos de fazer e ser**.

Pipocam por esse Universo fora **Novas Constelações de Estrelas** inspiradas por uma **vontade comum de Transgressão**. Articuladas em torno de uma só inspiração: que Novos desenhos surjam no Universo, **desenhos de Estrelas mais justos, mais paritários, mais harmoniosos, mais originais, mais diversos**. Que rebentem com grandes Poro'rokas novas Estrelas que inspirem @s mais céptic@s, @s mais medros@s, @s mais acomodad@s, @s mais egoístas, @s mais fechad@s, @s mais incrédul@s e pessimistas. Que façam acreditar que um **Mundo Mais Justo e Pacífico É Possível!** Que Novas Formas de Participação Democrática estão a ser procuradas por muit@s, que uma **Nova e Fresca Democracia** está a nascer. Que forma vai ter no futuro não sabemos, mas sabemos que o caminho para chegar lá é o da **criatividade, da diversidade, da inclusão**, sabemos que é abrindo caminhos para desenharmos novas formas de **participação mais intensa e mais criativa!**

E vimos e ouvimos hoje aqui que muitas **Novas Estrelas já brilham** e com muito esforço vão no dia a dia conquistando o seu lugar, através de **pequenos grandes sucessos**, através de uma **permanente busca**. E apesar de só serem visíveis de noite estão sempre lá, trabalhando no anonimato. Há noites em que não é fácil ver estas estrelas e, por vezes, duvidamos que existam. Há **noites nublosas**, há o nevoeiro cinzento de quem não quer ver o brilho das novas e diferentes Estrelas. Há o fumo das grandes cidades, há as **luzes artificiais**, tão fortes que ferem os olhos mas tão falsas e ilusórias. São elas que não deixam ver o brilho genuíno das Estre-



las mas estas nunca deixam de estar lá, à procura de um corredor que abra um novo caminho para uma **Sempre Nova Constelação...**

Inventamos foguetões para conseguir atravessar as fronteiras que nos separam, que dividem as Estrelas. A **nossa Poro'roka foi o lançamento de um foguetão** que permitiu **partilhar algumas pequenas grandes conquistas**. Os caminhos possíveis para estes foguetões são muitos, mas serão sempre caminhos de Paz, de Democracia, de Justiça e de Igualdade. São caminhos Inclusivos com espaço para a Diferença e para a Diversidade, para a Crítica Responsável e Solidária. Os foguetões que imaginámos hoje procuram os melhores caminhos para **romper com fronteiras** físicas, culturais, sexuais, psicológicas, sociais e de poder. Pretendem **desconstruir práticas** profundamente enraizadas, fechadas e conservadoras através da **Turbulência!** Uma turbulência que queremos que perpasse todas as fronteiras e que como um turbilhão imenso faça estremecer e toque toda a gente, que chegue às **raízes mais profundas....** Uma **Turbulência Pacífica**, verdadeiramente transgressora e universal pois **habitamos tod@s debaixo do mesmo céu**, mais ou menos estrelado, mais ou menos brilhante... **Um céu único mas com muitos desenhos diferentes.....**

